

# ÍNDICE

<i>Dramatis Personae</i> . . . . .	11
Introdução . . . . .	15
1 Himalaios a Brincar . . . . .	19
2 Este Lugar Não É para Velhos . . . . .	55
3 A Investida Mais Difícil. . . . .	91
4 Maior do que a Vida. . . . .	109
5 Exercício de Oxigénio . . . . .	133
6 Notícias do Norte . . . . .	159
7 Podemos Demorar um Pouco . . . . .	181
8 A Ofensiva do Gás. . . . .	203
9 A Febre do Cume . . . . .	221
10 Problemas no Santuário. . . . .	235
11 Um Terrível Inimigo. . . . .	251
12 Retrospectiva, em 2020 . . . . .	271
Bibliografia e Fontes. . . . .	283
Agradecimentos . . . . .	289

## INTRODUÇÃO

Em junho de 2018, saiu no *Financial Times* um artigo intitulado «Evereste para o Profissional com Pouco Tempo». Principiava com a história de um empresário alemão que recentemente gastara cento e dez mil dólares numa expedição comercial «relâmpago» de vinte e oito dias, que o levou ao cume com cinco dias de sobra; antes de enumerar várias empresas que ofereciam viagens *premium* à montanha mais alta do mundo. A mais luxuosa era uma companhia nepalesa, a Seven Summit Treks, que vendia um pacote «VVIP» de cento e trinta mil dólares, o qual incluía voos de helicóptero de Catmandu até a uma distância de três dias da montanha, bem como uma escapadela retemperadora, a meio da expedição, para um hotel de cinco estrelas. O pacote VVIP incluía um guia de montanha por cada cliente e os serviços de três xerpas, um cozinheiro pessoal e um fotógrafo. Era, como proclamava o site, especialmente concebido para quem «quiser experimentar a sensação de estar no ponto mais alto do planeta e tiver um sólido *background* financeiro para compensar a sua idade avançada, fraca condição física ou o seu medo de riscos».

O que teriam pensado Hillary e Tenzing, os primeiros homens a chegar ao cume do Evereste, sobre o pacote da Seven Summits? Ou, recuando mais ainda, o que teria pensado George Mallory, o «Galahad» do Evereste? Quando, em 1923, Mallory foi instado

por um jornalista do *New York Times* a explicar porque é que alguém arriscaria a vida no Everest, respondeu, lacónico: «Porque ele está lá.» Será que hoje em dia a resposta é «Porque posso pagar» ou «Porque tenho duas semanas livres em maio entre conferências de negócios e uma aquisição hostil»?

É extraordinário escrever uma frase destas, mas não há dúvida de que nos últimos trinta anos a reputação do Everest mudou. Longas filas de alpinistas na Face do Lhotse, histórias escabrosas de cadáveres congelados e pilhas de lixo a altitude elevada; até a própria montanha parece estar revoltada, com o Passo Hillary — um dos traços mais famosos do Everest — a ruir em 2017. Hoje, para muitos montanhistas, o Everest tornou-se um símbolo de excesso e ganância, um recreio para os ricos e frequentemente tolos, a montanha-troféu suprema em vez do desafio supremo.

Nem sempre foi assim.

Quando se mediu o Everest pela primeira vez em meados do século XIX, pensava-se que era tão alto que ninguém poderia sobreviver no seu cume. Mesmo no outono de 1920, quando se propôs uma expedição de reconhecimento, o respeitado montanhista Sir Martin Conway disse ao *Daily Chronicle* que as dificuldades de escalada eram tão grandes que era improvável que o Everest viesse a ser conquistado. «A sua constituição é desconhecida», disse ele. «Não foi cartografado. Nada se sabe realmente sobre ele.»

Dez meses mais tarde, quando o reconhecimento foi concluído, os alpinistas que regressaram não vinham muito mais confiantes. Numa conferência no Queen's Hall em Londres, George Mallory disse a uma plateia repleta que, pouco antes de deixar o Tibete, perguntara ao seu parceiro de escalada, Guy Bullock, quais eram as possibilidades de chegar ao topo. Após considerável reflexão, Bullock respondera: «Uma em cinquenta!»

Este livro é sobre o que aconteceu em seguida. Conta a história da primeira tentativa de escalar o Everest em 1922 e os acontecimentos impressionantes no seu auge. Embora, num sentido muito literal, a expedição de 1922 tenha sido a primeiríssima expedição

do Evereste, ela tem sido esquecida nos últimos anos, com grande parte da atenção histórica e literária centrada na segunda tentativa britânica, em 1924, e no seu final ainda controverso. Porém, a expedição de 1922 é provavelmente mais importante. Esta estabeleceu o estilo de montanhismo de grande expedição, de «cerco», com grandes equipas e vários acampamentos, que persistiria nas décadas seguintes; marcou o início da polémica do oxigénio, que não abandonaria as expedições aos Himalaias até à década de 1970; criou o elo entre os xerpas e o Evereste, o qual transformou o nome do seu povo numa marca global; e elevou George Mallory a um herói internacional, cujas ações e textos se tornaram uma parte fundamental da mitologia do Evereste.

Para material de fontes primárias, baseei-me nos milhares de documentos, na sua maioria inéditos, dos arquivos da Mount Everest Foundation na Royal Geographical Society em Londres e em várias coleções menores, nomeadamente no Alpine Club e na British Library em Londres — bem como nas cartas de George Mallory no Magdalen College e no diário do Evereste de George Finch na National Library of Scotland em Edimburgo.

Os alpinistas e os organizadores das expedições da década de 1920 eram grandes aficionados da palavra escrita, deixando-nos milhares de páginas de cartas, diários, relatórios e atas de reuniões do Comité do Evereste, que permitem ter uma visão pormenorizada de tudo, desde o financiamento às dinâmicas de grupo. Infelizmente, não há relatos em primeira mão do ponto de vista dos xerpas. Na época, muito poucos nepaleses e tibetanos sabiam ler ou escrever; só a partir da década de 1950, quando surgiram as autobiografias (redigidas por terceiros) de Ang Tharkay e Tenzing Norgay, é que começámos realmente a ouvir mais diretamente a voz dos xerpas.

Hoje, o Evereste é uma montanha internacional, com alpinistas de mais de cento e vinte países a chegar ao seu cume em 2019, mas, durante o século entre a sua primeira pesquisa na década de 1850 e a sua primeira ascensão em 1953, era reconhecido relutantemente

pela maioria dos alpinistas ocidentais como uma montanha «britânica». A razão para tal em nada se devia a técnica, treino ou equipamento; era muito mais simples: o acesso. O Everest ficava na fronteira de dois países «fechados» — Nepal e Tibete —, contudo, para lá chegar, era preciso viajar pela Índia, nação sob firme controlo britânico. Teoricamente, teria sido possível a aproximação do Everest através da China, no entanto, na prática, esta rota nunca foi tentada por nenhuma equipa europeia ou norte-americana devido ao conflito em curso entre o Tibete e o seu vizinho a norte, que teve lugar ao longo da primeira metade do século xx.

Quando o Everest foi medido pela primeira vez na década de 1850 pelo Survey of India<sup>1</sup>, teve de ser avistado de locais trigonométricos a centenas de quilómetros de distância, nas colinas de Bihar e Bengala Ocidental. Num ato de apropriação cultural, decidiu-se nomear a montanha *Everest* em homenagem a *Sir* George Everest, um anterior engenheiro cartógrafo geral. Como bom geógrafo que era, *Sir* George não gostou daquilo e teria preferido que os cartógrafos usassem uma das designações locais, mas o nome pegou.

Em teoria, nenhum estrangeiro poderia sequer aproximar-se do local, mas a partir do momento em que o Everest foi identificado como a montanha mais alta do mundo, os alpinistas britânicos começaram a pressionar o seu governo para conseguir permissão do Nepal ou do Tibete para realizar uma expedição. Naquela época, a Grã-Bretanha tinha um enorme império global e, sendo a Índia o seu território mais importante e valioso, era a superpotência regional do Sudeste Asiático. Se algum país iria forçar o Tibete ou o Nepal a permitir o acesso ao seu território e à sua montanha, seria a Grã-Bretanha. Alpinistas da Suíça, Alemanha, Itália e Estados Unidos podem ter sonhado tentar escalar o Everest, mas sabiam que nunca lhes seria concedida autorização.

---

<sup>1</sup> Organismo central de cartografia e agrimensura da Índia, fundado pelos britânicos em 1767. [N. do T.]

Não que fosse ser fácil. Embora os alpinistas britânicos desajassem fazer essa primeira tentativa, os diplomatas britânicos nem sempre compartilhavam da sua paixão. Os Himalaias eram naquela época uma das regiões politicamente mais instáveis do mundo. Além dos inúmeros conflitos locais entre os reinos dos Himalaias — Tibete, Nepal, Siquim e Butão —, havia muitos anos que as autoridades britânicas temiam que a Rússia Imperial enviasse os seus exércitos para sul, através do Império Chinês em derrocada, para o Tibete e o Nepal, e, em seguida, diretamente para o coração da Índia Britânica. No final do século XIX e início do século XX, a Rússia e a Grã-Bretanha disputavam o chamado Grande Jogo, despachando os seus espiões para os Himalaias em viagens ilícitas, a fim de recolher informações para imaginários planos de batalha vindouros. Nessa atmosfera diplomática febril, eram geralmente vãos os apelos dos montanhistas britânicos. Quando, em 1907, o Alpine Club de Londres, a instituição de montanhismo mais antiga do mundo, solicitou autorização para organizar uma expedição com o objetivo de assinalar o seu cinquentenário, o pedido nunca chegou às cortes nepalesas ou tibetanas. Foi examinado e rejeitado por diplomatas britânicos — segundo *Sir John Morley*, secretário de Estado para a Índia — por razões de «alta política imperial».

Contudo, as recusas oficiais não desanimaram totalmente os alpinistas britânicos. Seis anos depois, em 1913, o agrimensor militar *Major Cecil Godfrey Rawling* voltou a tentar obter aprovação oficial não para uma, mas para duas expedições, que culminariam na primeira ascensão. O seu plano foi novamente apoiado pelo Alpine Club e pela igualmente ilustre Royal Geographical Society, porém, dessa vez, interveio um jogo ainda maior: a Primeira Guerra Mundial.

Entre 1914 e 1918, todos os planos de montanhismo foram suspensos enquanto o maior conflito até então visto pela humanidade devastava o mundo. Destacados membros do Alpine Club foram mortos ou estropiados em combate, assim como centenas de alpinistas de todo o mundo e milhões de outras pessoas. C. G. Rawling

nunca chegou ao Everest; sobreviveu às horríveis batalhas de Ypres e Somme, mas foi morto por uma granada perdida enquanto conversava no exterior do quartel-general da sua brigada perto de Passchendaele, na Bélgica.

O sonho do Everest, porém, não morreu com Rawling. Passado apenas um mês depois de se calarem as armas na Frente Ocidental, em dezembro de 1918, o presidente da Royal Geographical Society, *Sir* Thomas Holdich, escreveu mais uma vez ao India Office<sup>2</sup>, a implorar «a apresentação ao governo da Índia de propostas para preparar a exploração e subida do Monte Everest assim que as circunstâncias permitissem». Esta história da primeira tentativa começa apenas alguns meses depois, numa fria noite de primavera em março de 1919.

---

<sup>2</sup> Departamento do governo britânico responsável por supervisionar a administração, pelo governo colonial da Índia, dos territórios do subcontinente indiano. Criado em 1858, foi extinto em 1947. [N. do T.]